

Especial

DIA DO COLONO & MOTORISTA

GAZETA DO SUL | SÁBADO E DOMINGO, 25 E 26 DE JULHO DE 2026

Arte de capa: Márcio Machado. Fotos: Alan Toigo e Magnific

UM PRODUZ, E O OUTRO TRANSPORTA

O Dia do Colono e do Motorista presta homenagem a dois dos segmentos mais importantes em sociedade: os que, em ambiente de colonização, marcado pela pequena propriedade agrícola familiar e forte industrialização, plantam, colhem e transportam as riquezas.



Um colono pioneiro descreve Santa Cruz

O Dia do Colono e do Motorista, comemorado neste sábado, remete ao 25 de julho de 1824, quando os primeiros imigrantes alemães chegaram à Real Feitoria do Linho Cânhamo, às margens do Rio dos Sinos, para inaugurar a Colônia de São Leopoldo, por iniciativa do Império brasileiro. Um quarto de século depois (e tendo transcorrido, nesse meio tempo, a Revolução Farroupilha, entre 1835 e 1845), uma nova fase da colonização alemã se iniciava no Rio Grande do Sul: dessa vez, fomentada e financiada pelo governo da Província.

E, assim, em 19 de dezembro de 1849, os primeiros alemães chegavam à Colônia de Santa Cruz, junto à estrada geral que ligava a sede do município de Rio Pardo aos campos do cima da serra, em direção a Soledade. O novo núcleo a ser formado com europeus em questão de meses e de anos revelou-se muito promissor; para o que colaborou a atuação de Peter Kleudgen como agente de colonização na Alemanha. Este difundiu na Europa livreto no qual detalhava o projeto colonial e defendia o acerto da decisão de famílias ao emigrar.

Entre os primeiros colonos esteve um que se tornou, ele próprio, um entusiasta da imigração, o que salientou em livros. Trata-se do capitão Joseph Hörmeyer, que veio ao Brasil como Brummer (mercenário) para lutar pelo país na Guerra contra Rosas, e que acabou por se estabelecer na Colônia de Santa Cruz em 1852.

Em obras, descreveu em detalhes a região e a rotina dos colonos, bem como os contratemplos que enfrentavam. Em *O que Jorge conta sobre o Brasil* e em *O Rio Grande do Sul em 1850*, em especial, apoia-se em inúmeras e valiosas informações sobre Santa Cruz para descortinar um panorama que, quase 180 anos depois, permite ao leitor se transportar em pensamento para o momento em que Santa Cruz nascia.



Ilustração incluída por Joseph Hörmeyer no livro *O que Jorge conta sobre o Brasil* para descrever uma casa de colono

“O LUGAR PROJETADO PARA A CIDADE CHAMA-SE SÃO JOÃO”

“Passamos também por algumas estâncias e finalmente ao meio-dia descansamos junto da casa de D. Carlota, que agora estava vazia e abandonada. Partimos de tarde e em pouco tempo começamos a aproximar-nos das serras, debruadas de matas até ao sopé. Pernoitamos em Faxinal, uma praça bastante grande, aberta e plana que, por causa de sua cômoda situação à saída das picadas e por causa das vantagens locais de possuir riachos e muita madeira, parece apropriada para servir de praça de uma cidade. O lugar projetado para a cidade, já hoje, em parte edificado, chama-se São João, mas na boca dos colonos, ainda por muito tempo, será chamado Faxinal, embora ali não haja mais faxinal. Tendo chegado antes, esperava-nos em Faxinal o diretor senhor Buff, um homem velho, que antes servira como oficial nas tropas alemãs que vieram para o Brasil em 1834. Não conversou muito conosco. Mandou que carregássemos a bagagem em burros e partíssemos para a picada Dona Josefa. Uma picada não é muito mais do que um trilho

aberto na mata, uma vereda. Os lotes de terra são repartidos de maneira que cada um deles confine com essa vereda ou picada. Em Santa Cruz os lotes têm 100.000 braças quadradas ou cerca de 200 joias prussianas. Essa divisão é fácil de medir, pois basta abrir a picada em linha reta e, a cada cem braças, colocar um marco divisório à direita e outro à esquerda; assim se tem a frente do lote e a sua profundidade eleva-se a 1.000 braças, a cuja distância podem ser abertas novas picadas. A picada de Dona Josefa é tão larga que, com o tempo, pode vir a ser uma estrada carroçável, o que permite o terreno não muito muntuoso. Começa à margem do rio Pardini e a cerca de uma légua se encontra o lugar onde mais tarde deverá ficar a cidadezinha que tem o nome de Santa Teresa. Ali havia algumas pobres cabanas, levantadas para receber-nos e onde devíamos morar até que instalássemos a nossa morada em nosso próprio terreno. [Trecho da “Décima Noite” de *O que Jorge conta sobre o Brasil*, de Joseph Hörmeyer, editado em Leipzig em 1863, traduzido por Bertholdo Klinger para edição da Presença, de 1966].

ENTUSIASMO

TERRA FÉRTIL PROPORCIONAVA BOAS COLHEITAS

A família do capitão Joseph Hörmeyer esteve entre as primeiras a se estabelecerem na Colônia de Santa Cruz, ocupando um lote na picada de Dona Josefa. Tão logo ele se desmobilizou da atuação como soldado na luta contra Rosas, optou por vir para o novo espaço colonial. E, ainda que descreva como precárias as condições do começo, até construir uma moradia minimamente segura e abrir as primeiras áreas para plantio, logo reconhece o quanto essa terra era promissora.

Entre os inúmeros produtos agrícolas que menciona, de imediato aponta o tabaco como sendo de excelente qualidade. Uma vez que tinha contato com Rio Pardo, Porto Alegre e a área colonial do Vale dos Sinos, passa a considerar a possibilidade de se mudar para outro ambiente. Em *O Rio Grande do Sul em 1850* e em *O que Jorge conta sobre o Brasil*, narra justamente suas andanças pelo Estado. No caso do mencionado Jorge, é um personagem que ele cria para, em livro, descrever os méritos do Sul do Brasil.

A obra, traduzida pelo general Bertholdo Klinger para a editora Presença, em 1966, originalmente foi publicada em Leipzig, em 1863, e portanto pouco mais de uma década após a fundação da Colônia de Santa Cruz. Ao longo de “14 noites”, Jorge, que voltara do Sul do Brasil à Alemanha, narra em uma taverna de aldeia sua jornada até a Colônia de Santa Cruz, detalhada na décima noite, mas com registros espalhados ao longo de todas 233 páginas do livro.

NINGUÉM CONHECE MELHOR ESTA TERRA!
25 DE JULHO, DIA DO COLONO E MOTORISTA.
NOSSA HOMENAGEM AOS
QUE CONTRIBUEM PARA O
DESENVOLVIMENTO
DA NOSSA REGIÃO!



📍 Júlio de Castilhos, 1714 - Centro - SCS ☎ (51) 3713-2291



Dia do
**Colono e
Motorista**
parabéns

Duas forças que movimentam a economia do país e garantem o alimento em nossas mesas.

Nosso reconhecimento e homenagem a essas profissões tão essenciais!



@advogadosberwanger berwangeradvogados.adv.br



Muitos elogios do suíço Moré

Dezenas, talvez centenas, de viajantes europeus passaram por Santa Cruz ao longo do século 19 e das primeiras décadas do século 20 curiosos por conhecer essa pujante colônia. A maioria eram alemães, mas havia também suíços, ingleses, italianos, franceses. Um deles foi o suíço francês Jean Charles Moré, que chegou ao Rio Grande do Sul em 1841, para estabelecer contatos e que foi considerado o pioneiro da indústria oleaginosa no Estado (é nome de rua em Porto Alegre, onde faleceu, em 1884).

De suas andanças pela capital e pelo interior elaborou um livro, *De la Colonisation dans la province de St. Pierre de Rio-Grande do Sul, Brésil*, 1859. A obra foi publicada em Hamburgo, em 1863, e tende a ter constituído uma fonte muito interessante de informações, não apenas para os franceses, mas para todas as nacionalidades, sobre o Sul do Brasil.

Com inúmeros dados valiosos das mais diversas áreas da socioeconomia, e com vivas impressões da realidade tanto em Por-



Perspectiva da cidade de Santa Cruz, já com indústrias presentes na paisagem

to Alegre quanto em todas as regiões gaúchas, permanece como um documento fundamental para compreender melhor o contexto da ocupação territorial. A obra foi publicada em Hamburgo no mesmo ano em que, em Leipzig, Hörmer lançou seu livro sobre a realidade da imigração alemã.

E, como se pode depreender, em 1863 Santa Cruz estava com pouco mais de uma década de existência. Logo, as descrições que Moré faz dessa colônia estão entre as primeiras realizadas por viajantes: em 1858 Robert Avé-Lallemant passara pela região, e

em 1861 o também suíço Johann Jakob von Tschudi.

Moré, ao mencionar Santa Cruz em várias passagens, divulgou e disseminou, entre leitores em francês na Europa, dados que devem ter gerado imensa curiosidade sobre essa distante terra no Sul do Brasil e do continente americano. Como se pode conferir no trecho selecionado à direita, tem-se ali uma estatística da produção e da atividade produtiva e de manufatura em 1858/1859, e ela revela uma localidade já muito pujante, em franco desenvolvimento.

“CENTRO COLONIAL IMPORTANTE, JÁ EM 1858”

Colônia de Santa Cruz: A colônia de São Leopoldo devia grande parte de sua prosperidade à sua excelente localização; sua distância de Porto Alegre, capital da província, é de 10 léguas por terra e 14 por água. Consequentemente, os produtos ali originários encontravam não apenas um excelente mercado consumidor, mas também um porto conveniente para exportação. É pelo mesmo princípio que, pelo menos inicialmente, foram feitos esforços para estabelecer as outras colônias a uma curta distância dos principais centros populacionais.

Santa Cruz, atualmente o segundo centro colonial mais importante, está localizada a seis léguas do Rio de Janeiro. Pardo, uma cidade com alguns milhares de habitantes, está construída às margens do rio Jacuhy, por onde o excedente de mercadorias pode ser facilmente transportado para Porto Alegre. Em breve, Santa Cruz terá outra saída, no lado de Taquary, conectando-se com a colônia [Monte Alverne, criada pelo Conselheiro Ferraz, hoje Presidente do Conselho de Ministros. Santa Cruz abrange uma área de 12 léguas quadradas e tem uma população de 2.723 pessoas, entre as quais 608 assentamentos foram distribuídos.

A produção durante o ano de 1858-1859 foi de 25.730 sacos de milho, 5.192 de feijão, 124 de ervilha, 51 de trigo, 54 de cevada, 33 de centeio, 3.332 de batatas, 929 de tabaco. Suas exportações totalizaram mais de trezentos mil francos. Possui: Uma destilaria, 5 moinhos, 1 curtume, 1 fábrica de vinagre. A prosperidade dos colonos ali estabelecidos, o crescimento diário da região, indicam com total certeza sua prosperidade futura. Sem mencionar um grande número de embarcações à vela, como lanchos e grandes canoas, que são usadas para navegação entre Rio-Pardo e Porto-Alegre, e para o transporte de mercadorias e produtos, três navios a vapor mantêm um serviço regular toda semana, e dois deles vão para a Caxoeira.

[Trecho das páginas 198 e 199 de *De la Colonisation dans la province de St. Pierre de Rio-Grande do Sul, Brésil*, 1859, do suíço/francês Jean Charles Moré, editado em Hambourg em 1863.]

TRABALHO QUE CULTIVA E FAZ SEGUIR EM FRENTE

Celebrar o Dia do Colono e do Motorista é reconhecer a dedicação de quem **movimenta o campo, aproxima destinos e fortalece o desenvolvimento regional**. Com responsabilidade e compromisso, colonos e motoristas desempenham papéis essenciais em uma cadeia construída por muitas mãos.

Neste 25 de julho, a Universal Leaf Tabacos homenageia e agradece a todos que fazem parte dessa jornada.



Os alemães no meio do mato

Ao longo do século 19 e nas primeiras décadas do século 20, quando as tecnologias de comunicação mais rápida ainda não estavam disseminadas em âmbito global (sem rádio, televisão, telefone) e nem os meios de locomoção (sem trens, aviões, carros e outros recursos, e apenas navios e barcos, cavalos, carroças e charretes, ou a solução de ir a pé), era comum que viajantes e aventureiros se deslocassem para regiões distantes ou pouco mapeadas a fim de conhecê-las. Para os europeus, as áreas para as quais migravam conterrâneos, em diferentes lugares do planeta, eram um atrativo natural. Iam em busca de conhecer e de saber como estavam essas famílias, que haviam deixado sua terra natal à procura de melhores condições de subsistência.

O Sul do Brasil e, em especial, o Rio Grande do Sul tornaram-se destino natural desses viajantes. Em especial na segunda metade do século 19, a partir da implantação da Colônia de Santa Cruz, na região central gaúcha, essa localidade passou a merecer interesse especial. Ocorre que em questão de poucos anos milhares de pessoas haviam acorrido para esse novo núcleo, e muitos com habilidades em cultivo, manufatura e transformação que logo projetou Santa Cruz como uma pujante comunidade.

Entre os que decidiram verificar qual era o cenário nessa colônia esteve um dos maiores e mais respeitados jornalistas de primeira hora das comunicações na Alemanha: Hugo Zöller. Ele nascera em em Oberhausen, na área de Schleiden/Eifel, em Munique, em 12 de janeiro de 1852, quando Santa Cruz recém completara dois anos de colonização. Com 22 anos, em 1874, passou a atuar no jornal Kölnische Zeitung, e nessa condição viajou por boa parte do mundo. Sobre suas andanças para diferentes países, elaborou e publicou livros ainda hoje de leitura indispensável, diante da infinidade de dados que reúne sobre cidades e sua socioeconomia.



Cena da Rua da República, atual Marechal Floriano, área central de Santa Cruz do Sul



A capa do volume, publicado em 1883

Pode-se compreender facilmente, assim, o que representa para o Rio Grande do Sul e para a região colonial um analista dessa grandeza ter se interessado por eles. Ele tinha por volta de 30 anos quando fez uma longa viagem pela América do Sul, e no percurso conheceu essa área, e registrou em *Die Deutschen im brasilianischen Urwald* (Os alemães no meio da mata virgem no Brasil), lançado em Stuttgart, em 1883, e ainda *Pampas und Anden* (Pampas e Andes), em 1884.

No caso da região colonial gaúcha que transpõe no livro de Zöller, ela se encontra em um mo-



Hugo Zöller foi um respeitado jornalista

mento de forte consolidação, apoiada numa pujante agricultura e na crescente industrialização. São Leopoldo já estava com mais de meio século e Santa Cruz acabara de alcançar a autonomia em relação a Rio Pardo, isso com pouco mais de três décadas de existência. A decisão de implantar esse novo núcleo no caminho entre a sede de Rio Pardo e os campos de cima da serra mostrou-se de todo acertada: os vales estavam amplamente povoados, e novas vilas surgiam, a exemplo de Monte Alverne, Vila Theresa (Vera Cruz), Germânia (Candelária), entre tantas outras localidades logo referenciais.

Quem estiver determinado a emigrar para o sul do Brasil deve levar ferramentas e roupas, mas não implementos agrícolas europeus, que não são facilmente encontrados aqui; além disso, várias caixas menores para embalar, em vez de algumas grandes; deve procurar soberanos ingleses para trocar por seu dinheiro, que são as moedas estrangeiras mais bem pagas aqui; finalmente, e acima de tudo, deve lidar o mínimo possível com agentes e, se possível, pagar a passagem diretamente para o sul. A Companhia de Navegação a Vapor Hamburgo-América do Sul, por exemplo, oferece passagens diretas de Hamburgo para Porto Alegre a partir do Rio de Janeiro, para viagens subsequentes de emigrantes para o Brasil. Transferência com os navios a vapor costeiros ingleses: primeira classe 720 marcos, terceira classe 260 marcos. Se não se comprar uma passagem direta desde o início, a viagem do Rio de Janeiro para Porto Alegre custará aproximadamente o mesmo que da Europa para um porto brasileiro. Para as pessoas mais pobres, no entanto, talvez seja mais vantajoso usar um navio à vela partindo diretamente de um porto alemão para o sul do Brasil, mesmo que a viagem seja mais longa.

Pouco apoio pode ser esperado do governo central brasileiro ou dos governos provinciais no momento, mas a Associação Central de Geografia Comercial em Berlim, bem como suas filiais no Rio Grande e em Porto Alegre, fornecerá assessoria a todos os emigrantes. A formação de empresas de colonização seria certamente muito desejável; essas empresas teriam que comprar e subdividir terras, sejam elas terras governamentais "descentralizadas" ou grandes propriedades. Que a razão e a consciência europeias pertencem a tal tudo é comprovado pelo bom sucesso da Sociedade de Colonização de Hamburgo, que operou com recursos tão limitados, em comparação com o fracasso do governo brasileiro, que gastou 51.584.000 marcos para fins de colonização entre 1875 e 1879 (as prósperas colônias provinciais de Santa Cruz, Santo Ângelo, Nova Petrópolis e Monte Alverne juntas custaram apenas 1.600.000 marcos). O Brasil ainda não vivenciou um fluxo particularmente grande de imigrantes (durante os quatro anos de 1877 a 1880, o excedente de imigrantes em relação aos emigrantes foi de apenas 40.000), e o número total de alemães que emigraram da Europa chega a 60.000. Mesmo assim, seu número, incluindo seus descendentes, atualmente chega a pelo menos 200.000.

Infelizmente, nos últimos anos, a imigração de alemães diminuiu em vez de aumentar em comparação com outras nacionalidades. Em 1881, 28.532 imigrantes desembarcaram em solo brasileiro. Desses, 1.197 receberam auxílio estatal. Por nacionalidade, 13.522 eram portugueses, 9.059 italianos, 3.275 alemães, 2.372 espanhóis, 412 poloneses, 350 franceses, 309 austríacos, 77 ingleses, 14 russos e 339 de outras nacionalidades. Desses imigrantes, 19.034 permaneceram na capital, Rio de Janeiro; os demais foram distribuídos entre os estados da seguinte forma: Rio Grande do Sul 3.711, São Paulo 2.885, Santa Catarina 1.818, Espírito Santo 1.047, Paraná 628, Província do Rio de Janeiro 442, Minas Gerais 144 e Bahia 20. [Trecho de *Die Deutschen im Brasilianischen Urwald*, do alemão Hugo Zöller, editado em Berlim e Stuttgart, em 1883; tradução realizada com recursos de inteligência artificial]

Colonos e Motoristas,
responsáveis por semear e conduzir a evolução!

AMORLISC
Associação dos Moradores do Bairro Linha Santa Cruz

25 de julho - Dia do Colono e Motorista

AO COLONO E AO MOTORISTA, nossa profunda admiração e respeito!
A quem diariamente nos mostra exemplos de superação, determinação e trabalho, garantindo o alimento na nossa mesa e encurtando distância!

Parabéns!

ACIC
ASSOCIAÇÃO DO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CANDELÁRIA

ARTIGO

COLONO E MOTORISTA: DUAS FORÇAS QUE MOVEM O BRASIL

No dia 25 de julho celebramos duas categorias que, juntas, representam a essência do trabalho, da perseverança e do desenvolvimento do nosso país: o colono e o motorista. São homens e mulheres que enfrentam desafios diários para garantir que o alimento chegue à mesa das famílias e que a produção brasileira alcance os mais diversos mercados.

O colono é sinônimo de dedicação. É quem acorda antes do amanhecer, convive com as incertezas do clima, enfrenta oscilações de mercado e supera inúmeras adversidades para produzir com responsabilidade e compromisso. O campo brasileiro é forte porque é sustentado por pessoas resilientes, que transformam trabalho em prosperidade e fazem da agricultura uma das principais bases da economia nacional.

Ao lado dessa força está o motorista, profissional indispensável para que toda essa produção percorra estradas, vença distâncias e abasteça cidades, indústrias e portos. Seu trabalho conecta o campo ao consumidor, movimentando a economia e demonstra que o desenvolvimento do Brasil depende da integração entre quem produz e quem transporta.

Na Afubra, temos orgulho de caminhar ao lado dos fumicultores e produtores rurais há mais de sete décadas. Nossa missão sempre foi representar seus interesses, promover ações de sustentabilidade, incentivar a diversificação das propriedades e a suc-

ção, investir em educação ambiental e contribuir para que as famílias rurais tenham cada vez mais oportunidades de crescimento e qualidade de vida.

Acreditamos que fortalecer o produtor rural é fortalecer o Brasil. Por isso, seguimos atuando na defesa de políticas públicas que valorizem a agricultura, ampliem o acesso à inovação e garantam condições para que o homem e a mulher do campo continuem produzindo com dignidade e competitividade.

Neste Dia do Colono e do Motorista, prestamos nossa homenagem a todos aqueles que fazem do trabalho um compromisso com o futuro. São profissionais que não desistem diante das dificuldades, que demonstram coragem em cada jornada e que, com esforço e determinação, impulsionam o desenvolvimento econômico e social do país.

Em nome da Afubra, deixo nosso profundo reconhecimento e agradecimento a cada colono e a cada motorista. Vocês são a mola propulsora do Brasil, exemplos de resiliência, dedicação e esperança. Que esta data renove o orgulho por essas profissões e reafirme o compromisso de toda a sociedade em valorizar aqueles que trabalham diariamente para construir um país mais forte, próspero e sustentável.

Marcilio Drescher

Presidente da Associação dos Fumicultores do Brasil [Afubra]

Alencar da Rosa/Divulgação/GS



“ Seguimos atuando na defesa de políticas públicas que valorizem a agricultura, ampliem o acesso à inovação e garantam condições para que o homem e a mulher do campo continuem produzindo com dignidade e competitividade

25 de Julho,

Dia do Colono e Motorista

A quem **cultiva a terra** e a quem **percorre caminhos** para **levar o progresso** adiante, o nosso reconhecimento e gratidão.



Impacto econômico da produção recorde de azeite no Brasil

A produção recorde de 1,4 milhão de litros de azeite de oliva em 2026 gera impactos econômicos importantes para o agronegócio brasileiro, especialmente no Rio Grande do Sul e na região da Mantiqueira. Em solo gaúcho, aliás, ocorreu a maior parte da produção nacional, com 1,17 milhão de litros. Os dados foram divulgados recentemente, em Porto Alegre, pelo Instituto Brasileiro de Olivicultura [Ibraoliva], e constam em publicação no site da Revista Forbes.

Dentre os pontos que merecem destaque, a partir desse resultado, podem ser citados:

1 - Aumento da renda dos produtores

O maior volume produzido eleva o faturamento da cadeia olivícola. Além disso, a redução das perdas climáticas em relação à safra anterior permitiu melhor aproveitamento dos pomares e maior retorno sobre os investimentos realizados.

2 - Geração de empregos

A expansão da atividade demanda mais mão de obra para cultivo, colheita, processamento, envase, logística e comercialização. O Rio Grande do Sul concentra cerca de 390 produtores e 31 lagares, responsáveis pelo processamento das azeitonas e pela extração do azeite, o que amplia a movimentação econômica local.

3 - Desenvolvimento regional

Municípios produtores passam a atrair investimentos em infraestrutura, turismo rural, gastronomia e comércio especializado. A valorização da cadeia produtiva beneficia não apenas os olivicultores, mas também restaurantes, hotéis, lojas e prestadores de serviços da região.

4 - Fortalecimento do turismo

O chamado "oleoturismo" ganha força com visitas a olivais, degustações e experiências gastronômicas. Segundo representantes do setor, a presença de pomares e lagares cria novas oportunidades de negócios ligadas ao turismo regional.

5 - Maior valor agregado ao agronegócio

O azeite é um produto de alto valor por litro quando comparado a muitas culturas tradicionais. O reconhecimento internacional dos azeites brasileiros contribui para o posicionamento premium da produção nacional e aumenta a competitividade no mercado.

6 - Redução da dependência de importações

O aumento da produção nacional amplia a oferta nas prateleiras e reduz parcialmente a necessidade de importação de azeite, mantendo mais recursos financeiros circulando na economia brasileira.

Resumidamente, a safra recorde de azeite de oliva fortalece a economia das regiões produtoras, gera emprego e renda, impulsiona o turismo, valoriza propriedades rurais e reforça a imagem do Brasil como produtor de alta qualidade. O Rio Grande do Sul surge como o principal beneficiado, consolidando-se como líder nacional da olivicultura.

Programação 2026

A Noite Italiana da AEAVARP está programada para o dia 15 de agosto na AASC. O evento terá o patrocínio da FMC, Supremo Insumos e da AEAVARP. A 27ª Agronomfest está programada para o dia 31 de outubro na Associação Atlética Souza Cruz. O evento terá o patrocínio da Syngenta e da ProfiGen. Outro evento técnico está sendo programado para o mês de agosto na Unisc. Participe da AEAVARP. Nos contate pelo e-mail aeavarp@gmail.com.

ARTIGO

NO MÊS DO COLONO, UMA CONQUISTA HISTÓRICA PARA OS AGRICULTORES

Foi publicado neste mês de julho o decreto nº 13.054/2026, que garante a manutenção da condição de segurado especial para agricultores que participam de cooperativas, preservando seus direitos previdenciários. Pode parecer um detalhe técnico, mas para quem vive no interior, produz alimentos e constrói sua história junto às cooperativas, essa mudança representa muito mais do que uma simples atualização da legislação.

Durante muitos anos, agricultores conviviam com uma preocupação recorrente: participar de uma cooperativa poderia colocar em risco benefícios previdenciários conquistados ao longo de uma vida inteira de trabalho.

E isso acontecia justamente porque o cooperativismo cresceu e se tornou parte da realidade do campo brasileiro. Hoje, é difícil imaginar a agricultura familiar sem cooperativas de produção, crédito, energia, etc.

Elas ajudam a levar energia até propriedades rurais, facilitam o acesso ao crédito, fortalecem a comercialização da produção e permitem que pequenos produtores tenham mais força e competitividade. Sempre pareceu contraditório imaginar que participar dessas iniciativas pudesse gerar insegurança previdenciária.

Por isso, a publicação do decreto representa uma conquista importante. Na prática, a legislação passa a reconhecer oficialmente aquilo que os agricultores sempre souberam: cooperar não significa deixar de ser agricultor; pelo contrário, cooperar é uma das razões pelas quais tantas famílias conseguiram permanecer no campo, produzir mais e construir comunidades fortes no interior do país.

Essa mudança não surgiu da noite para o dia. Ela é resultado de mais de onze anos de diálogo e construção envolvendo entidades do cooperativismo, organizações de trabalhado-



res rurais, parlamentares e especialistas em previdência rural.

Ao longo desse período, participei de diversas discussões técnicas e reuniões sobre o tema, acompanhando de perto a preocupação de agricultores que temiam perder direitos justamente por fazerem parte de cooperativas criadas para fortalecer suas atividades. Ver essa regulamentação finalmente publicada é motivo de comemoração, especialmente porque ela chega justamente no mês em que celebramos o Dia do Colono. Mais do que uma mudança na lei, trata-se do reconhecimento de uma realidade que o campo brasileiro conhece há muito tempo: trabalhar em conjunto nunca deveria significar renunciar a direitos.

Jane Berwanger

Advogada e professora especialista em Direito Previdenciário Rural

A força do cooperativismo no agronegócio

O sistema cooperativo sempre esteve muito próximo ao meio rural, seja por meio das cooperativas agrícolas, para comercialização da produção, ou de crédito, para produtos, serviços e parcerias estratégicas. A trajetória do jovem agricultor Anderson Gabriel Müller, 25 anos, morador da Linha Andrade Neves, no interior de Santa Cruz do Sul, é marcada pela força da cooperação.

Ele herdou dos avós o gosto pela agricultura familiar, especialmente do gado de leite. Desde cedo, aprendeu na prática o valor do trabalho na lavoura e decidiu, após formar-se em Técnico Agrícola, seguir os passos da família, ao lado da mãe Leci Frantz Müller e dos avós, Nelsi Elly Müller e Eno Nestor Müller,

já falecido.

Hoje, cursando Agronomia, comanda a propriedade de 28 hectares, e comemora os bons resultados alcançados no agronegócio familiar. A atividade leiteira, iniciada em 2010, é a base da propriedade. Ao todo, são produzidos entre 1 mil e 1,1 mil litros por dia, comercializados junto à Cooperativa Languiru, de Teutônia. Em sistema de confinamento, são 30 animais em ordenha. "A atividade agrícola é complexa, em função das crises econômicas, mas isso faz parte e seguimos firmes", diz ele. Em 2025, a produtividade diária chegou a 40 litros por animal. Em 2026, até o momento, são 37 litros por animal/dia.

Associado Sicredi Vale do Rio



Pardo, ele acredita na força da cooperação, iniciada ainda com o avô, Eno, que foi associado por mais de 50 anos. "Nossa relação com o Sicredi passou de geração em geração. Sempre que precisamos, recorremos à cooperativa, que nos atende muito bem", observa.



ARTIGO

25 DE JULHO: O SIGNIFICADO DESTA DATA EM NOSSO PAÍS

No início dos anos 1920, um grupo de lideranças do Vale do Rio dos Sinos e da Região Metropolitana deu início ao Movimento 25 de Julho. Este movimento culminou, anos mais tarde, na instituição oficial desta data como o marco da imigração alemã em nosso país. A data representa a chegada dos primeiros 39 imigrantes (homens e mulheres) que, em 25 de julho de 1824, desembarcaram em São Leopoldo. Eles foram os pioneiros de um fluxo migratório responsável pela vinda de aproximadamente 300 mil pessoas ao Brasil (nos 130 anos seguintes), resultando num desenvolvimento econômico e cultural de extrema importância para o país.

O fundador e primeiro diretor do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, o professor Telmo Lauro Müller, escreveu certa vez que deveríamos analisar a história do país dividindo-a em “antes e depois de 1824”. Sem dúvida, esta data é o grande marco da imigração alemã, representando também o início deste processo migratório que moldou a nossa identidade e ajudou a construir a grande nação brasileira.

Este grupo do movimento 25 de Julho dedicou-se com afinco à valorização da história teuto-brasileira por meio de diversas iniciativas. Eles buscaram resgatar e preservar os costumes e hábitos culturais de seus ancestrais, garantindo que permanecessem presentes entre eles e nas gerações que os sucederam. Entre as iniciativas mais importantes, destaca-se o projeto Socorro a Europa Faminta (SEF), uma grande ação ecumênica que reverberou pelo país, um movimento de lideranças religiosas e leigas que se uniram para juntar manti-

mentos e outros provimentos para alimentar a população civil, especialmente da Alemanha, após o término da Segunda Guerra Mundial. Este projeto é citado, pois, após seu término, estas mesmas lideranças criaram os centros culturais teuto-brasileiros pelo país e fundaram a Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, que posteriormente recebeu o nome de Federação dos Centros de Cultura Alemã do Brasil (Feccab).

Esse trabalho de preservação mostrou-se fundamental para contrapor os efeitos da Campanha de Nacionalização (ocorrida durante a Era Vargas). Naquele período, as ações governamentais promoveram intencionalmente o apagamento de tudo o que lembrasse as raízes alemãs de parte do povo brasileiro. Infelizmente, os reflexos dessa política de apagamento ainda se mantêm em setores da sociedade brasileira, que insistem em não reconhecer a real contribuição desses imigrantes alemães e de seus descendentes para o desenvolvimento do nosso país.

Hoje, o dia 25 de julho adquiriu outros significados regionais e nacionais. Ao lembrarmos desta data, recordamos não somente os imigrantes e seus descendentes, mas também aqueles que lutaram em conjunto por esse reconhecimento, que fundaram associações para manter a nossa cultura viva e aqueles que continuam trabalhando ativamente para preservá-la, mantendo parte do legado desta imigração, presente nas atuais gerações.

Felipe Kuhn Braun
Jornalista e escritor

Divulgação/GS



“Esse trabalho de preservação mostrou-se fundamental para contrapor os efeitos da Campanha de Nacionalização [ocorrida durante a Era Vargas]. Naquele período, as ações governamentais promoveram intencionalmente o apagamento de tudo o que lembrasse as raízes alemãs de parte do povo brasileiro

BAT
BRASIL



No campo e nas estradas,
produtores e transportadores
movem a nossa cadeia produtiva
com **dedicação e compromisso**.
Nosso reconhecimento a todos que
fazem parte dessa jornada!

Parabéns,
**COLONO E
MOTORISTA**



25

JULHO

Centro Cultural 25 de Julho é referência de preservação

Impossível falar sobre imigração alemã sem lembrar do Centro Cultural 25 de Julho, de Santa Cruz do Sul. Fundado em 1986, completa neste sábado, 25, seus 40 anos de atividades ininterruptas em prol da preservação da cultura germânica no município. Embora a data que hoje homenageia Colonos e Motoristas e marca o Dia da Imigração Alemã no Brasil tenha dado denominação a diversas outras entidades e associações pelo país afora, foi especialmente a intenção de manter viva a cultura, a gastronomia, o canto, a dança, os jogos, enfim, os costumes dos colonizadores, que deu origem ao Centro Cultural no município.

Isso se dá através dos grupos de canto coral em língua alemã, dos jogos germânicos, do eisstocksport e dos cinco grupos de danças folclóricas germânicas. Conforme a atual presidente Maria Luiza Rauber Schuster, que assumiu o cargo ontem à noite, durante jantar-baile de apresentação da nova diretoria e de reinauguração do salão de eventos, o Centro Cultural é referência para todo o Estado em tudo o que diga respeito à cultura alemã. “O 25 de Julho é muito procurado para pesquisas de universidades de todo o Rio Grande do Sul e do Brasil. Também é ponto de pesquisa em vários setores, é procurado por grupos de fora que vêm a Santa Cruz, seja para fazer um passeio, conhecer a culinária ou a dança”, observa.

Além disso, ressalta que há 39 anos ajuda a difundir e divulgar a cultura germânica através do programa Folclore e Tradição, que vai ao ar todos os sábados, das 13 às 14 horas, pela **rádio Gazeta FM 107,9**, emissora da Gazeta Grupo de Comunicações. Mais do que apresentar a agenda de eventos e apresentações do Centro Cultural, destaca as músicas exclusivamente alemãs, com ênfase para o folclore alemão.

Atualmente com 216 famílias em seu quadro de associados, o 25 de Julho recebe todas as pessoas que tenham interesse em participar das atividades e a conhecer melhor a cultura germânica. “Todos são bem-vindos a integrar. Não precisam ser, necessariamente, descendentes de origem alemã”, pontua. De antemão, Maria Luiza também adianta que pretende seguir o trabalho feito por sua antecessora, Celi Durante, que presidiu a diretoria nos últimos quatro anos, por dois mandatos consecutivos.

Rodrigo Assmann



Celi Durante e Maria Luiza Rauber Schuster, a ex e a atual presidente do 25 de Julho. Salão de eventos passou por reforma interna

A CONQUISTA DE MAIS VISIBILIDADE

Ao avaliar o período em que esteve à frente do Centro Cultural 25 de Julho, a ex-presidente Celi Durante destacou a conquista de mais visibilidade para a entidade. Segundo ela, isso foi possível pelo envolvimento em outros setores e pelo trabalho com projetos. Nesse aspecto, citou ter conseguido o reconhecimento do Centro Cultural 25 de Julho como Ponto de Cultura, em 5 de outubro de 2023. Na prática, significa a aptidão para pleitear recursos por meio de convênios e projetos com os governos estaduais, municipais e federal.

Outro motivo de comemoração nesse período foi

a reforma de toda a área interna do salão de eventos, que também recebeu pintura, melhorias na iluminação e colocação de molduras temáticas, pintadas à mão, nas janelas e portas. Além disso, Celi igualmente enfatizou a importância do Centro Cultural como ponto de partida para a Oktoberfest. “Especialmente por dar suporte com informações para a montagem de projetos voltados à Lei Rouanet e Lei de Incentivo à Cultura – LIC, pela presença dos seus grupos de danças e também a realização dos jogos germânicos durante as edições da festa.

FELIZ DIA DO COLONO E DO MOTORISTA!

Quem cultiva e quem transporta move muito mais do que uma produção.
Juntos, movem o futuro.

HTG Hermes Tobacco Group

POR QUE 25 DE JULHO?

O dia 25 de julho de 1824 marca a chegada dos imigrantes alemães no Brasil. Nessa data, um grupo de 39 pessoas chega ao Paço Municipal de São Leopoldo, a convite do governo imperial, para ocupar terras da Real Feitoria do Linho Cânhamo. Conforme lembra a professora de História e atual presidente do Centro Cultural 25 de Julho de Santa Cruz do Sul, Maria Luiza Rauber Schuster, a Real Feitoria produzia corda de navio e havia utilizado o trabalho escravo, porém o empreendimento imperial não deu certo e os imigrantes foram chamados para ocuparem a área. “A evolução deles foi tão visível que o então barão Duque de Caxias, depois da Revolução Farroupilha, envia uma carta para Dom Pedro dizendo estar impressionado com a organização e o progresso da região onde estavam esses imigrantes em São Leopoldo”, conta Maria Luiza.

Tais observações foram favoráveis para que novos imigrantes continuassem vindo ao Brasil. Os que chegam em Santa Cruz do Sul, em 19 de dezembro de 1849, formam a primeira colônia da segunda fase de imigração. “A colônia da primeira fase é a de São Leopoldo. A imigração é interrompida durante a Revolução Farroupilha e depois, com o Estado mais organizado, é retomada e surge a colônia de Santa Cruz”, lembra. Maria Luiza também acrescenta que esses 39 imigrantes chegam ao Rio Grande do Sul para colonizar e produzir alimentos, já que nessa época a economia era praticamente voltada à criação de gado e produção de charque.

O dia 25 de Julho também dá denominações para várias entidades de cultura alemã pelo Brasil como forma de homenagear a chegada dos imigrantes, que começam a se espalhar pelo Brasil a partir do final da guerra, já que a Alemanha estava empobrecida e tinha falta de tudo. Por conta disso, começa um movimento de alemães que moravam no Brasil de angariar fundos e mantimentos para enviar aos seus conterrâneos na Europa. Isso propiciou o surgimento do Centro 25 de Julho de Porto Alegre e muitos outros.

De pai para filha, paixão por sonhos e pela estrada

Marketing Viação União Santa Cruz/Divulgação/GS

Há histórias que parecem traçar o próprio destino. A de Cintia Moura Funk é uma delas. Antes mesmo de assumir o volante de um ônibus, ela já carregava no coração o amor pela profissão. O pai biológico partiu quando ela ainda era muito pequena, mas foi criada com carinho pelo padrasto, motorista de profissão, que lhe apresentou um universo que mais tarde se tornaria sua vida.

As lembranças da infância permanecem vivas. Por volta dos oito anos, já se encantava com tudo o que envolvia a estrada nas viagens de turismo para o litoral. Aos 18, ganhou da mãe a primeira Carteira Nacional de Habilitação (CNH), com a condição de que a categoria para motocicleta estava fora de cogitação. Mas Cintia sabia exatamente onde queria chegar: tiraria a carteira para caminhão.

Anos depois, mãe solteira de três filhos e participante de programas sociais, surgiu a oportunidade de mudar a categoria da CNH. E ela foi além do que todos imaginavam. Contou que faria habilitação para caminhão e guardou um segredo: seu verdadeiro objetivo era dirigir ônibus e só revelou quando já se sentia segura ao volante. A cena, diz ela, é uma das mais emocionantes de sua vida. Dirigindo um ônibus, estacionou em frente de casa. O pai saiu, olhou para o veículo e levou alguns segundos até acreditar que a filha estava na direção. O susto inicial rapidamente

deu lugar ao orgulho e à emoção.

Mesmo habilitada, a realização do sonho precisou esperar, pois a prioridade era sustentar os filhos. Trabalhou como cobradora de ônibus por um período e, depois, abriu um salão de beleza, dedicando-se à profissão de cabeleireira. Quando os filhos mais velhos, enfim, começaram a trabalhar, ela investiu no sonho guardado por tantos anos. Em 2025, fechou o salão, fez curso de transporte coletivo de passageiros e, justamente no aniversário do pai, recebeu a notícia de que seria contratada como motorista.

Atualmente, Cintia atua no fretamento empresarial da Viação União Santa Cruz, onde conquistou o respeito dos passageiros e dos colegas. Os elogios pela condução cuidadosa são frequentes e reforçam a certeza de que ela fez a escolha certa. Ao lado de outra motorista da empresa, Alice Rosa, acredita estar ajudando a abrir novos caminhos para que mais mulheres ocupem o lugar que desejarem. Neste domingo, 26, ela vai celebrar o primeiro Dia do Motorista como profissional da área e estará ao volante de um dos ônibus da Viação no desfile promovido pela Igreja Ressurreição. Será mais uma viagem na qual lembrará que os sonhos, quando encontram coragem e persistência, também chegam ao seu destino.

(Colaborou Alyne Guimarães Motta/Mkt Viação União)



Para Cintia Funk, ser motorista é a realização do sonho de criança

TODA ESTRADA LEVA MAIS DO QUE PESSOAS E CARGAS.

Há quem produza o futuro e há quem faça ele seguir em frente.

Neste **Dia do Motorista**, nossa homenagem é a quem está todos os dias na linha de frente levando pessoas, conectando empresas e transportando a produção que movimenta Santa Cruz do Sul e toda a nossa região.

Nossa gratidão aos motoristas por transformar quilômetros em oportunidades.

Grupo União
Santa Cruz **SANTA CRUZ** **SANTA CRUZ**
express



cam

A batata, herança culinária alemã para Santa Cruz

Uma imensa variedade de pratos da culinária alemã acompanhou os milhares de imigrantes a Santa Cruz, vindos de diferentes regiões de língua alemã. Trouxeram seus hábitos alimentares, seus saberes sobre manutenção da vida útil de alimentos por diferentes processos: fermentação, defumação, secagem, conservação, entre muitos outros conhecimentos.

Mas, quando se pensa na presença germânica na culinária, logo vem à mente *Kuchen* e *Kartoffeln*, não é mesmo? Duas iguarias trazidas pelos imigrantes com presença garantida em todos os eventos comunitários. Mesmo no prato mais típico dos gaúchos, o churrasco, está presente a salada de batatas/*Kartoffelsalat* - um exemplo de integração harmoniosa entre duas culturas.

A batata está tão intrinsecamente ligada aos imigrantes alemães que serviu, por longo tempo, como elemento para expressar menosprezo por quem falava com sotaque alemão. Muitos descendentes de alemães sofreram este desrespeito. Eu também fui chamada de "alemoa batata" na adolescência, por não dominar a língua oficial. No entanto, a batata foi importante alimento, essencial para os imigrantes por sua versatilidade e facilidade de cultivo. Presente em Santa Cruz desde sua fundação, a batata é elemento identitário e o *Kartoffelsalat* é um ícone representativo.

De modo que a expressão depreciadora deveria ser antes um elogio. Os alemães a consideram *Magenpflaster* - emplastro para o estômago que o reveste e protege. O tubérculo é base alimentar, é saudável, é composto por muita água e contém cerca de 15% de carboidrato. Isto o faz ser muito benéfico quando consumido frio. Daí que é muito salutar em salada de batata. Nas formas de preparo colonial o *Kartoffelsalat* le-

Fotos: Divulgação/GS



va pouco azeite e ovos cozidos, incorporados a uma marinada à base de cebola, um pouquinho de farinha ou caldo de carne. Isto faz a salada ser mais saudável do que as versões com maionese.

Para além da salada, as colônias alemãs produzem muitas delícias com a batata: assados, cozidos, sopas, pães... Vejamos: Sopa de batata: existem inúmeras variações de *Kartoffelsuppe*, todas elas um aconchego para os dias invernosos; assado de carne de porco com batata e repolho fermentado - *Schweinebraten mit Kartoffel und Sauerkraut* - delícia colonial dominical e em eventos comunitários; também as almôndegas de batata - *Kartoffelklee*, são ótimas acompanhantes de um assado; bolinhos fritos, feitos com batata crua ralada - *Kartoffelkichen* são ideais para uma refeição pequena ou mesmo para acompa-

nharem um prato principal com molho. Também Purê de batata com ovos e tocinho defumado - *Stampfkartoffel mit Eier und geräucherter Speck* - é um prato rápido, muito fácil de fazer e delicioso.

Ah, não esqueçamos o prato mais presente em tempo de exaustivas atividades na roça, quando há pouco tempo para dedicação à cozinha: as diversificadas formas de fazer *Eintopf*, um cozido tradicional alemão. Originalmente, o *Eintopf* procede do norte da Alemanha e da Prússia Oriental. Lá este prato colonial vem do tempo em que os antigos fogões tinham somente lugar para uma única panela grande. Assim como lá, ao *Eintopf* se agregam diferentes legumes, cereais, carnes defumadas... O resultado é uma refeição completa.

Na Alemanha conheci variações regionais, como *Pichelsteine-*

reintopf (em Munique) e o *Gaisburger Marsch* (em Stuttgart).

Enfim, a rica e variada culinária vinda com os imigrantes para Santa Cruz mereceria mais divulgação, mais visibilidade, mais presença. Para além de eventos comunitários, deveria estar presente em restaurantes, em cardápios bilíngues, para o fomento do turismo de Santa Cruz que se originou e se desenvolveu com a imigração alemã e mantém viva sua língua alemã, a segunda língua mais falada no Brasil e em diversos países europeus e americanos.

A propósito, entre 3 e 6 de setembro, a capital da província de Entre Rios, na Argentina, sediará o 21º Encontro das Comunidades de língua alemã na América Latina. O evento reunirá delegações da Argentina, Brasil, Chile e Peru.



Lissi Bender

Escritora, integrante da Academia de Letras de Santa Cruz do Sul e colunista do jornal Gazeta do Sul.

25 de julho, dia de homenagear homens e mulheres que, com coragem e determinação, produzem e transportam as riquezas da nossa terra. **Ao colono, nosso reconhecimento pelo cultivo. Ao motorista, nossa gratidão por conectar o campo à cidade.**

Parabéns pelo seu dia!

Santa Cruz (Matriz): Rua Sen. Pinheiro Machado, 1133
Fones: 3711-3434 | 3713-3213 e-mail: agrokist@agrokist.com.br
Vera Cruz (Filial): RSC 287 km 109
Fones: 3718-3869 | 3718-3857 e-mail: veracruz@agrokist.com.br



**AGRO COMERCIAL
KIST & HEEMANN**
COMÉRCIO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS

ARTIGO

QUANDO PRODUZIR TAMBÉM SIGNIFICA PRESERVAR

A rotina dos produtores rurais demonstra como conciliar a produção de alimentos e matérias-primas com a conservação ambiental e a adaptação climática. Ao proteger os recursos naturais, o agricultor atua como um agente ativo de preservação, fortalecendo comunidades, cadeias produtivas e a economia regional. Essa realidade se reflete no Sul do Brasil, onde cerca de 5 mil famílias produtoras mantêm parceria direta com a Philip Morris Brasil desde 2010. A cooperação une assistência técnica, monitoramento e incentivo a práticas socioambientais, garantindo a viabilidade econômica e a conservação ambiental.

Entre as ações ambientais, destaca-se o programa Protetor das Águas, em parceria com o município de Vera Cruz, Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), Afubra, Emater, Cisvale e Comitê Pardo. Dedicado à conservação de nascentes e matas nativas, o programa adota o Pagamento por Serviços Ambientais (PSA). A iniciativa otimizou 140 mil metros cúbicos de água (1,4% da meta global da companhia). Em Vera Cruz, reduz em 60% o custo de tratamento da água, envolve 117 produtores, protege 129 nascentes e 242 hectares de vegetação, beneficiando mais de 20 mil pessoas. Após as enchentes de 2024, as áreas preservadas mostraram menor impacto e maior drenagem.

A companhia também atua na restauração do rio Pardinho, em Santa Cruz do Sul, abastecedor do Lago Prefeito Telmo Kirst, em parceria com a Agepardo, Comitê Pardo

e Salix Engenharia Natural. Além disso, mapeou a origem da água consumida nas propriedades parceiras para planejar ações de uso responsável.

Outro destaque é o Projeto Auéra, em parceria com a Embrapa Clima Temperado, focado no manejo sustentável do solo e da água e na recuperação dos biomas Pampa e Mata Atlântica. O projeto já monitorou mais de 160 espécies de aves e 28 de mamíferos.

Alinhado a isso, o programa Responsible Leaf promove visitas técnicas periódicas para orientar melhorias e verificar conformidades ambientais, trabalhistas e de direitos humanos. Desde 2010, a Philip Morris Brasil reduziu em 71% o consumo de água em suas operações.

Esse compromisso é reconhecido internacionalmente: em 2018, foi a primeira da América Latina a obter a certificação Alliance for Water Stewardship (AWS), atingindo o nível AWS Platinum em 2021 e recertificada em 2025. A PMI também acumula a classificação Triple A do CDP por quatro anos consecutivos e integra a Lista A de Água pelo quinto ano.

Ao celebrar o Dia do Colono, homenageamos quem trabalha com a terra e protege as bases da produção. Diante dos desafios climáticos, produzir com responsabilidade é a chave para garantir o futuro no campo.

Jorge Struecker

Gerente de Tabaco da Philip Morris Brasil

Divulgação/GS



“A iniciativa otimizou 140 mil metros cúbicos de água. Em Vera Cruz, reduz em 60% o custo de tratamento da água, envolve 117 produtores, protege 129 nascentes e 242 hectares de vegetação, beneficiando mais de 20 mil pessoas. Após as enchentes de 2024, as áreas preservadas mostraram menor impacto e maior drenagem.”

O desenvolvimento floresce no campo. E ganha o mundo pela estrada.



Produtores e motoristas trabalham na mesma direção, fazendo a nossa região prosperar.

Essa parceria fortalece a economia, gera oportunidades e contribui para um futuro cada vez mais sustentável.



25 de julho,
**DIA DO COLONO
E MOTORISTA.**



PHILIP MORRIS BRASIL



Das lavouras para as estradas, o orgulho pela nova profissão

Há 18 anos, junto com a esposa e o filho, Elui Antunes de Oliveira, 57 anos, chegava a Santa Cruz do Sul em busca de novas oportunidades. Natural de Lagoão, ele trabalhava na agricultura, mas alimentava o sonho de ter uma nova profissão em um centro maior e, consequentemente, melhorar de vida. Com o apoio de um cunhado, morador de Santa Cruz, o sonho virou realidade.

Por aqui, o primeiro passo foi fazer a carteira de habilitação. De posse dela, a oportunidade de um novo emprego: motorista de caminhão fazendo entrega de material de construção, função na qual permaneceu por sete anos. Segundo ele, foi um período que lhe deu a experiência que precisava para tentar novas oportunidades. “Senti confiança para mandar currículos para empresas maiores, mais conhecidas e que, de certa forma, se destacavam na cidade. Uma delas era a Casa Nova. Fui chamado, aceito e sigo nela até hoje, 11 anos depois”, conta.

Trabalhando com terraplanagem, ele lembra que o começo foi de aprendizado e que o que parecia difícil, aos poucos foi se tornando mais fácil. “Eu não tinha experiência nessa área específica, mas com o apoio e os ensinamentos dos colegas fui me aprimorando”, garante o motorista de caminhão basculante.

Para Elui, ser motorista de caminhão e atuar no setor de terraplanagem é motivo de orgulho, é a certeza de estar na base de toda grande conquista. Ele, que atualmente trabalha nas obras de duplicação da RSC 287, diz que trabalhar com terraplanagem é uma profissão que exige fibra, que não tem tempo ruim para sol ou chuva, e que transforma paisagens brutas em locais prontos para o futuro da sociedade. “Antes de qualquer prédio erguer suas paredes, de qualquer rodovia receber o asfalto ou de uma grande indústria se instalar, são profissionais como eu que estão ali, lidando com a poeira, o barro e o peso das toneladas. Para mim, é como moldar a terra e dar o primeiro passo do progresso”, avalia.



Para Elui, que tem muito orgulho da sua profissão, trabalhar em terraplanagem exige técnica, precisão e responsabilidade

Existem profissões que movem o desenvolvimento de uma região.

Enquanto o colono cultiva a terra com dedicação e transforma trabalho em alimento, o motorista percorre caminhos com responsabilidade, conectando pessoas, sonhos e oportunidades.

Nossa gratidão a quem faz o caminho acontecer.

25 de Julho - Dia do Colono e do Motorista

A certeza de uma boa viagem!

Nos jogos germânicos, um laço com o passado

Fotos: Rodrigo Assmann

Inúmeras comunidades de descendência alemã ainda praticam os jogos trazidos pelos imigrantes, como o bolão de mesa, o bolão de bola presa e o tiro ao alvo. Em Santa Cruz do Sul, esse símbolo da herança cultural é mantido não só para preservar os costumes dos imigrantes, mas também para incentivar a convivência entre as famílias. Aliás, eram nos momentos de confraternização, com familiares ou vizinhos, e quando descansavam do trabalho árduo em suas propriedades, que os imigrantes recorriam aos jogos.

Quem lembra disso é a moradora de Monte Alverne Marlise Grasel, 56 anos. Ela é presidente da Sociedade de Damas Sempre Verde, de Linha Monte Alverne, há 25 anos. Cresceu acompanhando os pais e os avós praticando os jogos germânicos e se dedicando aos encontros das sociedades de damas e de cavaleiros.

Conforme observa, sua bisavó paterna ajudou a fundar a Sociedade de Damas Sempre Verde – originalmente denominada *Immergrün* (Sempre Verde, em alemão). Criada em 30 de agosto de 1933, a enti-

dade tem aproximadamente 70 sócias que se reúnem a cada dois meses no Salão Heck, em Linha Monte Alverne, para praticar jogos de bolão de mesa (também conhecido como bolãozinho de mesa).

Para Marlise, é motivo de orgulho preservar as memórias da sua família e de tantas outras que colonizaram a região. “Enquanto a gente conseguir, vamos manter viva essa tradição. É muito bonito. É uma prática saudável, um momento de estar com os vizinhos.” Ela também ressalta a importância das festas entre as comunidades. “É uma alegria porque conhecemos outras pessoas, encontramos as pessoas que gostamos. Era em sociedade que nossos antepassados resolviam as coisas da comunidade. Todos se reuniam para se ajudar e resolver o que fosse preciso.”

Além da Sociedade de Damas Sempre Verde, a localidade tem outras duas sociedades de cavaleiros – a Sociedade de Atiradores Centro e a Sociedade Lanceiros Gaúcho. Essa última foi fundada há 113 anos e conta com cerca de 65 sócios que jogam tiro ao alvo e bolão de bola presa.



Sociedade de Damas Sempre Verde joga o bolãozinho de mesa a cada dois meses, em todos os seus encontros



A presidente Marlise: “lembranças”



Sociedade Lanceiros Gaúcho ainda pratica o bolão de bola presa

Quando o trabalho de muitos se encontra, o resultado é uma rede que se fortalece a cada etapa.

É assim que a cadeia produtiva do tabaco se mantém em movimento, todos os dias.

Nosso reconhecimento a todos que fazem parte dessa trajetória.

Produtor e Transportador:
Moacir Zeczkowski

M

25/07

Dia do Colono e do Motorista

Parabéns a todos os produtores e transportadores.

Mulheres rurais celebram 45 anos do grupo **Mãos Ativas**

Pelo asfalto que integra a paisagem na localidade de Ponte Andréas, em Vera Cruz, elas passam fazendo história. Mas, muito mais do que isso. Levam coragem e exemplo para uma comunidade que, com o passar dos anos, foi testemunha da força de vontade e da dedicação de mulheres que decidiram buscar o próprio desenvolvimento.

E o que as motivou, em 28 de janeiro de 1981, foi além. Hoje, o Grupo de Mulheres Rurais Mãos Ativas celebra 45 anos de uma receita que deu certo: propósito em fazer acontecer. O próprio prédio, onde realizam encontros mensais, cursos e eventos, é a prova do trabalho desenvolvido por elas. Para a construção da estrutura, conhecida como o ginásio da Sociedade Esportiva e Recreativa Nacional, quatro entidades se uniram, sendo o Mãos Ativas uma delas. “No início realizávamos os encontros em forma de rodízio, na casa das integrantes. Depois, passamos para o Salão Franke. Mais tarde, surgiu a ideia da construção. E nós decidimos participar”, lembra a vice-presidente Norma Franke.

Na época, a decisão foi considerada um ato de coragem da diretoria. “Tínhamos R\$ 1 mil em caixa. Depois disso, fomos à luta”, recorda a integrante, que também foi a primeira presidente. Ao relembrar o plantio da semente, que rendeu tantos frutos, na companhia dela, Marlene Becker e Claudete Teresinha Kist, também acompanharam de per-

Fotos: Rodrigo Assmann



Integração, valorização e reconhecimento: mulheres rurais, participantes do Mãos Ativas, de Vera Cruz, comemoram mais um aniversário do grupo

to a criação do grupo e compartilham sorrisos em meio às memórias. Para as três, no entanto, as excursões e cursos realizados, sejam de culinária, de crochê, tricô ou bordado, e tantos outros, as confraternizações vividas, os eventos promovidos, as palestras e as ações sociais são reflexo da força de cada uma.

E Norma resume bem a opinião unânime delas: “o Mãos Ativas foi criado para que a mulher rural tivesse progresso. E nós evoluímos em tudo. Aprendi muito aqui e devo tudo isso ao grupo. Foi e ainda está sendo especial”.



A presidente Cristiani Loebens

LEGADO DE RESPEITO

Embora a decisão de seguir com o grupo ao longo de 45 anos tenha sido das participantes, o pontapé inicial partiu da equipe da Ema-ter/RS - Ascar, em Vera Cruz. Mais tarde, a extensionista Mirna Weber passou a acompanhá-las de perto. O trabalho de orientação, por sinal, se estendeu por mais de 30 anos até 2020, quando se aposentou. “Só tenho duas palavras para expressar esse movimento: respeito e gratidão. Por poder acompanhar o empenho, o interesse, a responsabilidade e o crescimento destas mulheres guerreiras e especiais”, conta. Além disso, Mirna destaca o protagonismo de cada uma junto às propriedades. “A mulher trabalhadora rural está envolvida diretamente nas atividades da agricultura familiar, muitas vezes no anonimato. É filha, mãe, esposa, avó, mas, também, protagonista no meio. E ainda tira tempo para aprender, liderar, encontrar outras mulheres, fazer trabalho voluntário e conhecer lugares e pessoas diferentes”.

DE MÃE PARA FILHA

Nas reuniões mensais, gerações se encontram compartilhando ideias e a vida que pulsa em cada uma delas. Entre as participantes está Elli Maria Loebens, de 94 anos, e Caroline Lenz, de 16. A jovem, que participa do grupo há três anos, começou a frequentar as reuniões acompanhando a mãe Liane Sins. “Tenho muita vontade de vir. Me sinto melhor depois que saio daqui. É como uma família pra mim”. Mais do que uma boa relação, a adolescente afirma que as lições vão além das técnicas de cozinha e de artesanato, também aprendidas com as veteranas. “Aqui aprendi a lidar melhor com as situações, a ter mais paciência. Elas tratam a vida de um jeito que eu não percebia antes”, afirma.

Sabor de exemplo

À frente do Mãos Ativas desde o início deste ano, a presidente Cristiani Loebens participa das atividades desde 2000. Ela cita que entre as principais ações desenvolvidas estão os eventos anuais, bastante conhecidos pela comunidade: o café colonial, em junho, e a galinhada, sempre no mês de setembro. Em 2026, por sinal, será realizada no dia 6, no Nacional. Atualmente, as 19 sócias seguem comprometidas em buscar e fazer o melhor, aliando compromissos pessoais e profissionais às funções desempenhadas. “Tenho orgulho imenso deste grupo que não mede esforços diante dos desafios. A união, o respeito e a nossa força mostram que somos capazes de conquistar coisas incríveis. É por isso que temos esse nome”, reforça.



Por trás de cada colheita, uma história de dedicação.

Por trás de cada entrega, um compromisso com o tempo e a estrada.

Feliz dia do colono e motorista!

Uma homenagem,



PREMIUM
TABACOS DO BRASIL



Herança de pertencimento e amor à terra

Pâmela Silva

Quando Inácio Hochscheidt chegou ao Brasil, ainda com nove anos, fugindo da guerra na Alemanha, junto com a família, não fazia ideia do legado que deixaria para suas futuras gerações. Ele e os quatro irmãos viajaram por meses, mar a dentro, com os pais e os avós, até chegarem em solo brasileiro. Quem lembra resumidamente essa história é um de seus descendentes, o neto Armindo, hoje com 81 anos. Ele conta que, com o passar dos anos, seu avô foi o único da família a se instalar na região atualmente conhecida como São Martinho, há cerca de 42 quilômetros de centro de Santa Cruz do Sul.

O nome, aliás, foi uma homenagem ao santo padroeiro de Briedel, a cidade alemã na qual viviam. Desde que o avô desbravou as novas terras e delas tirou o sustento para a família, uma verdadeira herança de amor e pertencimento se fez. As quatro gerações que o sucederam seguem, até hoje, direcionadas ao cuidado da terra. "Sempre gostei daqui, de mexer na terra. Meu avô e meu pai (João) me ensinaram.

Eles sempre gostaram de trabalhar com isso aqui", afirmou Armindo. Por isso, nunca quis morar em outro lugar. "A vida é boa aqui. A gente sempre foi feliz", conta ele, com a concordância da esposa Noeli, de 75.

Juntos, eles deram continuidade ao legado de Inácio, passando esse mesmo sentimento de orgulho e pertencimento ao filho, Ailson, de 54, à nora Ângela, 54, e aos netos, Eliezer, de 24, e Evelin, 19. Dos quatro filhos de Armindo e Noeli, Ailson foi o que voltou a morar no interior. "Chegamos a morar na cidade por alguns anos, mas voltamos para fazer companhia para o meu pai. Ele nunca quis deixar a propriedade", lembra Ailson, que hoje segue cultivando 50 mil pés de fumo e mantendo a área de 20 hectares da família. Tanto Ailson quanto Armindo consideram que o pioneiro Inácio se orgulharia de tudo o que construíram ao longo dos anos.

Embora o futuro ainda seja incerto, no que se refere a incentivos para que os jovens possam permanecer no interior, Ail-



Ângela, Ailson, Armindo, Noeli e Evelin: três gerações que sucederam o colonizador Inácio Hochscheidt

son espera que os filhos sigam na atividade. Apesar de todas as dificuldades vencidas desde a chegada à região, como conviver sem energia elétrica, os primeiros descendentes de Inácio aprenderam, essencialmente, a

valorizar e respeitar a terra. "A maior lição de vida foi tirada da terra. Aprendi a cuidar e não só a tirar dela", afirmou Ailson. Outros hábitos trazidos pelos colonizadores e que seguem preservados são o envolvimento comu-

nitário e a disposição de ajudar a vizinhança e as pessoas próximas. Ailson e Ângela, por exemplo, integram a diretoria da comunidade Sagrado Coração de Jesus, de São Martinho, e organizam as quermesses.

25 de Julho Feliz dia do Colono e Motorista

Do campo à estrada, é o trabalho de vocês que move nossa história e impulsiona o futuro.

Do plantio ao destino, cada jornada é construída por pessoas que trabalham com empenho e dedicação.

Daniel Roque Mariani
Transportador Integrado

Diego Drescher
Produtor Integrado

Maiquel Grabner
Orientador

Henrique Antonelli
Supervisor da área



Acesse o QR Code
e conheça mais sobre
nossas iniciativas.



**Compromisso com as pessoas,
responsabilidade com o futuro.**

Uma vida construída entre a lavoura e a estrada

Para muitos agricultores, o trabalho não termina quando a colheita é concluída. É nesse momento que começa outra etapa da rotina: levar o resultado de meses de dedicação até a indústria. Em diversas propriedades familiares do Sul do Brasil, quem cultiva também assume o volante para transportar a própria produção. A história do produtor rural Moacir Zeczkowski, parceiro da JTI há cerca de 13 anos, ilustra essa realidade e ganha um significado especial no Dia do Colono e do Motorista.

A coincidência da data ajuda a retratar uma dinâmica comum nas regiões produtoras de tabaco, onde o agricultor, muitas vezes, também responde pela logística da safra. O contexto acompanha a relevância do setor para o país: o Brasil ocupa a posição de segundo maior produtor mundial e, desde 1993, é o maior exportador de tabaco do mundo. Cerca de 90% da produção nacional é destinada ao mercado internacional, abastecendo clientes em mais de 100 países.

Para o Diretor de Operações de Leaf da JTI, Emerson Rech, histórias como a de Moacir ajudam a mostrar como a produção agrícola pode envolver diferentes atividades que sustentam a cadeia produtiva. “O trabalho realizado pelos produtores vai além

da lavoura. Eles são empreendedores, gestores e, muitas vezes, também motoristas, garantindo que o resultado de meses de dedicação chegue ao seu destino. Valorizar essas histórias é reconhecer a importância dessas famílias para a economia e para o desenvolvimento das regiões produtoras”, afirma.

Na família de Moacir, a produção de tabaco e o transporte sempre caminharam lado a lado. Desde 1994, quando assumiu a condução do negócio familiar, ele passou a administrar a propriedade de forma independente. “É algo que faz parte da nossa vida. Sempre gostamos tanto da lavoura quanto da estrada. É um trabalho que exige dedicação, mas que também traz muita satisfação quando vemos o resultado”, conta.

Ao longo dos anos, a atividade permitiu ampliar a estrutura da propriedade e investir em melhorias. Hoje, Moacir possui quatro caminhões, além de tratores, implementos agrícolas e barracões projetados para facilitar o armazenamento da produção e o carregamento dos veículos. Durante a safra, o foco está totalmente voltado ao tabaco. Fora desse período, os caminhões também são utilizados para o transporte de outras cargas, como madeira serrada e hortifrutigranjeiros,

Maurício Dranka/Divulgação/JTI



Na família de Moacir, a produção de tabaco e o transporte sempre caminharam lado a lado

mas a principal atividade continua sendo atender às demandas da produção agrícola.

Ao falar sobre a parceria construída com a JTI, Moacir destaca que a previsibilidade e a organização contribuíram para o planejamento da propriedade. “A JTI é uma empresa organizada e isso nos dá segurança para trabalhar. Outro ponto importante é a proximidade da unidade de Mafra, que tornou nossa logística mais prática em comparação às rotas que fazíamos antigamente”, observou.

TRABALHO COM CONTINUIDADE



Moacir e o filho Felipe, que está se preparando para assumir a propriedade

Mais do que os investimentos realizados ao longo da trajetória, uma das maiores motivações para seguir no campo está na continuidade do trabalho familiar. Nos últimos anos, o filho Felipe, de 22 anos, passou a acompanhar de perto a rotina da propriedade e vem se preparando para assumir, gradualmente, as atividades desenvolvidas pelo pai e pelo avô. “É gratificante ver que ele tem interesse em continuar esse trabalho. Tudo o que construímos veio da dedicação à propriedade e da parceria da família. Saber que essa história pode continuar na próxima geração nos motiva a seguir investindo e fazendo o nosso melhor”, comenta.

Em uma atividade em que conhecimento, experiência e planejamento são construídos ao longo de décadas, a sucessão familiar representa a continuidade de um legado que une diferentes gerações. No caso de Moacir, esse legado foi construído tanto na lavoura quanto na estrada e agora começa a ser compartilhado com o filho Felipe. Sua trajetória reflete a realidade de muitas famílias produtoras do Sul do Brasil, que seguem contribuindo para o desenvolvimento das regiões produtoras de tabaco por meio do trabalho, da dedicação e da parceria ao longo dos anos.

No campo e na estrada, o trabalho de muitas mãos faz a produção avançar.

JTI

De um lado, estão os colonos, que cultivam, cuidam e dedicam seus dias à terra. Do outro, os motoristas, que percorrem caminhos para levar esse esforço adiante, conectando o campo a diferentes destinos.



Neste **Dia do Colono e Motorista**, agradecemos quem faz parte dessa força essencial para o desenvolvimento do campo e do Brasil.

Agrinobre 15 anos

15 ANOS AO LADO DE QUEM PLANTA, PRODUZ E MOVIMENTA O AGRO.

Federação reúne entusiastas da cultura alemã

A Federação dos Centros de Cultura Alemã do Brasil (Feccab) dedica-se há 75 anos a preservar e cultivar os costumes teuto-brasileiros e o uso da língua alemã. Com sede no Centro Cultural 25 de Julho, em Porto Alegre, reúne hoje 145 filiados, ou melhor, entusiastas da cultura trazida pelos imigrantes ao Brasil. Além das associações brasileiro-alemãs e de municípios com predominância alemã, integram a entidade pessoas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, bem como Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Há, ainda, associados da Alemanha.

Conforme explica o atual presidente, o jornalista e escritor Felipe Kuhn Braun, a Feccab realiza eventos culturais como palestras, recitais, apresentações de corais, congressos e encontros de genealogia; visitas técnicas a fundações culturais, museus, arquivos e também viagens culturais.

Nesse período, a Feccab também criou duas instituições: a Associação dos Pesquisadores das Comunidades Teuto-Brasileiras e a Associação Cultural Gramado (ACG), mantenedora da Casa da Juventude, de Gramado.

Essa última ainda continua ativa e recebe assistência.

Reeleito para o segundo mandato, Braun explica que há diversos projetos de expansão, como a ampliação do arquivo histórico, a criação do departamento de genealogia – que hoje abriga 1,5 milhão de nomes de imigrantes alemães e descendentes – e a publicação de obras de associados.

Como suas principais conquistas à frente da Federação, ele cita o aumento no número de filiados (de 32 passou para 145) e a ampliação do calendário de eventos, com viagens culturais e visitas técnicas que ocorrem a cada dois meses. Essas atividades, segundo ele, buscam proporcionar às pessoas que sintam e vivenciem a cultura conhecendo os lugares colonizados e habitados pelos imigrantes.

Outra novidade será o lançamento do primeiro livro sobre a história da Feccab, a criação da biblioteca física e do Museu da Imigração Alemã, em Estância Velha, para abrigar o material da federação e disponibilizar mais um espaço para encontros, além do Centro Cultural 25 de Julho, em Porto Alegre.

Divulgação/CS



Eleita recentemente, a atual diretoria da Feccab cumpre o mandato de 2026 a 2028

COMO SURTIU?

Em 19 de setembro de 1951, os Centros Culturais 25 de Julho de Porto Alegre, Panambi e Novo Hamburgo reuniram-se para constituir a Federação dos Centros Culturais 25 de Julho. A iniciativa foi liderada por Fritz Rotermund, um dos primeiros a tentar [terminada a Segunda Guerra Mundial e após a ditadura do presidente Vargas] resgatar o patrimônio cultural. Isso se deu após as campanhas de ajuda à população civil da Alemanha, que sofria com a fome no pós-guerra. A ideia do 25 de Julho espalhou-se rapidamente pela região Sul e em São Paulo, onde havia municípios com grande contingente alemão. Aos poucos, conseguiu-se eliminar o medo das pessoas em voltar a falar o alemão. Para permitir que outras associações de origem alemã, com objetivos idênticos, pudessem se filiar à Federação, em 1989 sua denominação foi alterada para Federação dos Centros de Cultura Alemã do Brasil [Feccab].



Duas profissões. *Um só orgulho.*

No campo, o cuidado do produtor.
Na estrada, o compromisso do motorista.

Juntos, eles representam milhares de famílias que fazem da produção de tabaco uma história de parceria e dedicação. Há mais de um século, essa atividade fortalece comunidades, gera desenvolvimento e faz parte da identidade do Sul do Brasil.

Presente em mais de 360 municípios, a Alliance One constrói laços fortes e sustentáveis com seus parceiros, sempre alinhada aos princípios ESG.

Neste Dia do Colono e Motorista, homenageamos todos os produtores e transportadores que, com orgulho, ajudam a fortalecer uma das mais importantes cadeias produtivas do país.

Conheça a história de Jader e Mariela Ziebell, de São Lourenço do Sul/RS, em nossas redes sociais.



aobpessoas



Alliance One Brasil



Visitas técnicas promovem imersão em roteiros culturais

Uma experiência completa para quem quer conhecer melhor a cultura teuto-brasileira. É isso o que a Federação dos Centros de Cultura Alemã do Brasil (Feccab), com sede em Porto Alegre, tem oferecido aos seus associados através das chamadas visitas técnicas. As atividades, programadas no calendário anual de eventos, proporcionam conhecimento histórico e cultural sobre a imigração alemã e os lugares visitados. Neste ano, a primeira visita ocorreu no mês de abril, com imersão no acervo histórico em Forquetinha, no Vale do Taquari, onde foram visitados o bairro Conventos e o Museu de Waldemar Richter.

Já em maio foi realizada uma viagem cultural a Petrópolis, no Rio de Janeiro, para descobrir a herança alemã lá existente. Entre os lugares visitados, destaque para a casa da Princesa Isabel, lugar icônico onde foi feita a última foto da família imperial no Brasil em meados de 1888, e para o Palácio de Cristal, inaugurado em 1884 e inicialmente construído para que a Princesa Isabel pudesse cultivar suas hortaliças.

Hoje o local abriga exposições e eventos, como a festa anual em homenagem aos colonos alemães de Petrópolis. A escolha pela cidade se deve ao fato de a Feccab contar com filiados cariocas, entre eles o Centro Cultural 29 de

Junho, clube cultural de Petrópolis.

Para este segundo semestre, já no mês de agosto, está prevista uma segunda edição da viagem cultural a Petrópolis. Realizadas em grupo, essas visitas percorrem museus, casas culturais e espaços em restauração em diferentes cidades. No ano passado, foram visitados espaços em Igrejinha, Novo Hamburgo e Dois Irmãos.

Segundo o presidente da Feccab, o jornalista e escritor Felipe Kuhn Braun, o objetivo principal é oportunizar aos associados mais conhecimento sobre a imigração alemã e a cultura teuto-brasileira, com a visita de espaços que contam a história regional e local. Já para quem é “amigo da Feccab”, ou seja, quem é convidado a participar de algumas dessas atividades, isso também é importante para adquirir conhecimento e ampliar sua bagagem cultural, especialmente pela troca e a interação com outras pessoas.

“As visitas técnicas oportunizam isso e as viagens culturais mais ainda, porque acontecem para locais distantes – ao menos aqui da sede, em Porto Alegre, como Blumenau, Hohenau (colônia histórica de imigrantes alemães e descendentes no Paraguai), Puerto Rico (na Argentina), que estamos prestes a visi-



Registro da visita técnica ao parque e museu de Waldemar Richter, em Forquetinha, no Vale do Taquari



Nas escadarias da casa da Princesa Isabel, em Petrópolis (RJ), onde família imperial fez a última foto no Brasil

tar também no ano que vem, Petrópolis (no Rio de Janeiro), para onde já fomos e estamos organizando novos grupos, e Pomerode (em Santa Catarina). Então, são vários os locais relacionados a essa cultura”, observou Braun.

Outro ponto igualmente importante, avalia ele, é o contato

com os associados de outras regiões, já que a Federação tem filiais em vários lugares, como Juiz de Fora (Minas Gerais), Petrópolis (Rio de Janeiro), além de Blumenau, São Bento do Sul e Treze Tilhas (em Santa Catarina).

De modo geral, completa Braun, é uma forma de aproxi-

mar ainda mais as atuais e as futuras gerações da história construída pelos imigrantes alemães, que tanto contribuíram para o desenvolvimento das mais diversas regiões do Brasil. Tais atividades, de acordo com ele, foram intensificadas neste que é o 75º ano de fundação da Feccab.

PRÓXIMAS VIAGENS PROGRAMADAS

AGOSTO

Entre os dias 13 e 16 – Segunda edição da viagem cultural a Petrópolis, no Rio de Janeiro.

Entre os dias 27 e 30 – Terceira edição da viagem cultural a Petrópolis, no Rio de Janeiro.

OUTUBRO

Dia 17 – Visita às colônias tradicionais de Linha Santa Cruz e Monte Alverne, em Santa Cruz do Sul

Dia 18 – Visita técnica ao Instituto Cultural Brasileiro Alemão de Agudo (ICBAA), em Agudo.

NOVEMBRO*

Entre os dias 5 e 8 – Quarta edição da viagem cultural a Petrópolis, no Rio de Janeiro.

PRIMEIRO SEMESTRE DE 2027

Em data a definir – Viagem cultural pelas regiões de preservação germânica em Blumenau e Pomerode, em Santa Catarina, e pela colônia histórica de imigrantes alemães e descendentes, em Hohenau, no Paraguai.

*Vagas abertas

A Feccab ainda tem vagas para a viagem cultural a Petrópolis, no Rio de Janeiro, programada para os dias 5, 6, 7 e 8 de novembro. As pessoas interessadas em participar podem contatar com o presidente Felipe Kuhn Braun, pelo WhatsApp [51] 99971 1456, para obter mais informações.



DA TERRA À ESTRADA ELES MOVEM TUDO

Antes de chegar à indústria, o desenvolvimento nasce nas **mãos de quem planta** e segue pelas **mãos de quem transporta**.

Colonos e motoristas são protagonistas de uma jornada feita de coragem, esforço e compromisso. São eles que aproximam o campo da cidade, movimentam a produção e ajudam a transformar trabalho em progresso.



STIFA
SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS
INDÚSTRIAS DO FUMO E ALIMENTAÇÃO
DE SANTA CRUZ DO SUL E REGIÃO

O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Fumo e Alimentação de Santa Cruz do Sul e Região presta sua homenagem a quem faz o Brasil seguir em frente, todos os dias.

No campo e na estrada, o futuro é construído todo dia

Há tradições que permanecem e nunca deixam de evoluir. Enquanto o produtor dedica meses ao cultivo, o transportador garante que esse trabalho chegue ao destino com segurança, eficiência e responsabilidade.

Na propriedade da família Assmann, em Vila Arlindo, interior de Venâncio Aires, a busca por evolução está presente na rotina e nos planos para o futuro. Aos 73 anos, o produtor integrado da UTC Brasil, Asteri Luis Assmann, continua acompanhando a propriedade de 12,8 hectares ao lado da esposa Marlene e do filho Edson, que, aos poucos, assume a condução dos negócios. Já são três gerações ligadas ao campo, construindo uma história de trabalho, organização e respeito à terra.

Ao longo das décadas, muita coisa mudou. O trator e as estufas elétricas proporcionaram mais eficiência e conforto durante a cura do tabaco. Mas, para Asteri, a maior evolução aconteceu na forma de manter a propriedade. “Gostamos de lidar com a terra. É a nossa vida. Cuidamos e



Produtor Asteri Assmann e seu filho Edson com orientador da UTC

preservamos o solo”, resumiu. A preocupação com a conservação é prática diária. A família faz análises de solo para definir a necessidade de correção com calcário, usa adubação verde com espécies como crotalária e milheto após a colheita, preserva uma área de mata nativa e investe na diversificação da produção, com milho, hortaliças e criação de animais para consumo.

Esse processo de melhoria

contínua também é fortalecido pela assistência técnica, realizada pelo orientador agrícola Dailor Osmar Ellert.

Na estrada, a dedicação acompanha o transportador Cláudio Reis, de Santa Cruz do Sul. Há mais de 30 anos na profissão, ele acredita que a experiência nunca encerra o aprendizado. “Tenho muito orgulho do que faço. A cada ano, adquirimos mais conhecimento e conseguimos fazer ain-



O transportador Cláudio Reis, com o filho Tiago e o orientador Dailor

da melhor.” Trabalhando juntos e parceiros da UTC Brasil, Cláudio e o filho Tiago, de 25 anos, destacam a relação construída com a empresa. “É uma empresa organizada, que cumpre o que promete. Estamos sempre melhorando e crescendo juntos.”

O orgulho aumenta ao ver o filho seguir seus passos. Inspirado pelo exemplo do pai, Tiago escolheu a mesma profissão e carrega os valores aprendidos desde

cedo. Com tecnologias que hoje facilitam o trabalho, como equipamentos de elevação para carga e descarga, a profissão também evoluiu sem perder a essência de compromisso, responsabilidade e parceria. No campo ou na estrada, histórias assim mostram que tradição não significa permanecer igual, mas transmitir conhecimento, incorporar novas práticas e preparar o caminho para quem vem depois.

Neste 25 de julho,
a UTC presta sua homenagem
a dois profissionais essenciais
para o desenvolvimento
do nosso país.

Aos colonos, nosso reconhecimento pelo trabalho dedicado que gera riqueza, sustenta famílias e fortalece o campo, base de toda a cadeia produtiva.

Aos motoristas, nosso agradecimento pelo comprometimento, responsabilidade e segurança com que transportam pessoas e mercadorias, conectando comunidades e movimentando a economia.

Feliz Dia do Colono e do Motorista!

utc
Brasil
Member of **CNT**

fb/utcbrazil

@utcbrazil





ProfiGen combina genética e tecnologia para **eleva**r produtividade

A busca por maior produtividade, estabilidade no campo e qualidade da matéria-prima começa muito antes do plantio. Na ProfiGen, líder mundial no fornecimento de sementes de tabaco, genética, tecnologia e conhecimento agrônomo atuam de forma integrada para desenvolver soluções capazes de responder aos desafios do fumicultor e às demandas de um mercado global competitivo e exigente.

O trabalho parte da escuta ativa de produtores e clientes em diferentes regiões. Necessidades observadas na lavoura – como adaptação climática, resistência a doenças, eficiência produtiva, ciclo de maturação e qualidade – tornam-se prioridades nos programas de pesquisa e melhoramento. Com amplo banco de germoplasma, histórico de materiais em desenvolvimento e profissionais experientes, a empresa identifica caminhos genéticos promissores e acelera respostas para novas demandas.

Essa combinação entre ciência e visão prática permite à ProfiGen desenvolver um portfólio diversificado e ajustado às particularidades de países, regiões

e sistemas produtivos. Em vez de oferecer uma solução única, a companhia trabalha para entregar variedades adequadas a diferentes realidades, considerando características agrônômicas, condições ambientais, necessidades da indústria e objetivos econômicos do produtor.

A inovação genética contribui diretamente para lavouras mais eficientes. Sementes com maior potencial produtivo, melhor adaptação e resistência a determinados patógenos podem reduzir perdas, ampliar a estabilidade da produção e diminuir intervenções no campo. Materiais com ciclos mais adequados também ajudam o fumicultor a planejar o manejo, a colheita e o uso da mão de obra.

A tecnologia mostra-se presente no acompanhamento das áreas produtivas, na análise de desempenho dos materiais e na tomada de decisão. Informações coletadas no campo alimentam continuamente a pesquisa, o que permite aperfeiçoar variedades consolidadas e direcionar novos projetos. Essa conexão entre equipe técnica, indústria e produtor torna o desenvolvimento mais ágil e aderente às necessi-

dades da cadeia.

Para a ProfiGen, produtividade não significa apenas produzir mais, mas com qualidade, previsibilidade e uso eficiente de recursos. Por essa razão, os avanços genéticos são associados a boas práticas agrícola,

las, manejo responsável do solo, monitoramento de insumos e busca por soluções que contribuam para uma produção mais sustentável.

Com presença global e proximidade com quem está na lavoura, a ProfiGen transforma ex-

periência, ciência e inovação em valor para toda a cadeia. O resultado são sementes desenvolvidas para fortalecer a rentabilidade do fumicultor, apoiar a competitividade da indústria e atender aos padrões internacionais de qualidade.

25 de julho

Duas profissões. UM MESMO PROPÓSITO.

No campo ou na estrada, cada quilômetro percorrido e cada dia de trabalho ajudam a movimentar o agro e a construir o futuro.

Neste Dia do Colono e do Motorista, a ProfiGen do Brasil homenageia quem, com dedicação e compromisso, faz essa história seguir em frente.



EXPEDIENTE

Edição: Cláudia Priebe ✉ claudia.priebe@gazetadosul.com.br

Textos: Cláudia Priebe, Heloísa Letícia Poll, Romar Rudolfo Beling e Marisa Lorenzoni – com colaboração de assessorias de imprensa

Comercialização: Deise Olivera de Souza

Diagramação: Rodrigo Sperb

Arte-final: Márcio Machado

Revisão: Cláudia Priebe e Luís Fernando Ferreira

Da terra à estrada, união impulsiona o desenvolvimento

Matheus Zarpellon/Divulgação/GS

Gelson Pereira/CBT/Divulgação/GS



Gilson e Aline Schmidt são produtores de tabaco e atuam em uma propriedade de 7 hectares

O 25 de julho homenageia duas cadeias que se complementam diariamente na produção integrada do tabaco. Do empenho no cultivo do solo até a eficiência no transporte das safras, a união entre quem produz no campo e quem roda pelas rodovias viabiliza a geração de riqueza e a entrega de um produto de excelência.

Na China Brasil Tabacos, essa parceria ganha rosto e história por meio de trajetórias dedicadas

ao setor. Com mais de quatro décadas de experiência ao volante, o motorista Pedro Armando Kelzenberg, 67 anos, presta serviços de transporte para a empresa há mais de dez anos, desde o início das operações. Para ele, que herdou a vocação do ambiente familiar, a profissão carrega uma responsabilidade que vai além da condução.

“Se não tiver o motorista, tudo para. A responsabilidade é grande, porque a gente não carrega só

um produto. A gente transporta o sustento do produtor e a riqueza que movimenta a empresa. Cuidar da carga, manter uma lona boa para não molhar e garantir a preservação da qualidade até a entrega é nosso dever. É um trabalho que exige firmeza, atenção e amor pelo que se faz.”

Na outra ponta dessa cadeia, a dedicação vem de quem prepara a terra e cuida das lavouras do plantio à colheita. Os produtores integrados Gilson Paulo Sch-



Pedro Kelzenberg é motorista há mais de 40 anos

midt, 44, e Aline Ivone Derlamm Schmidt, 40, encontraram no tabaco a viabilidade econômica para prosperar em uma propriedade de 7 hectares.

“Se não fosse o tabaco, seria muito difícil continuar na agricultura, pois em área pequena como a nossa, poucas culturas garantem essa rentabilidade. Para alcançar uma boa produção e garantir a qualidade que o mercado exige, fazemos a nossa parte no campo. Preparamos bem o

solo, investimos em cobertura e adotamos as melhores práticas”, informa Gilson.

A trajetória de Pedro, Gilson e Aline reflete o compromisso compartilhado que sustenta a cadeia produtiva. A conexão entre a dedicação do produtor na propriedade e o cuidado do motorista durante o transporte assegura o cumprimento dos princípios de excelência, conformidade e agilidade que orientam a atuação da CBT.



**PROSPERAR É UM
RESULTADO QUE
CONSTRUÍMOS
JUNTOS.**

Dia do Colono e Motorista 2026

Todos os dias, o compromisso de quem trabalha no campo e de quem percorre cada caminho fortalece uma cadeia construída com excelência.

Cada entrega representa respeito às pessoas e à confiança construída ao longo do tempo. Crescemos com a potência do campo, cultivamos relações de confiança, acolhendo pessoas, mercados e culturas por meio de negócios responsáveis que geram prosperidade de ponta a ponta.

Neste Dia do Colono e Motorista, homenageamos quem transforma dedicação em desenvolvimento e faz a diferença em cada etapa dessa jornada.

Excelência. Conformidade. Agilidade.

**Isso é
Estilo China.
Isso é CBT.**



Em meio ao amor de ser colono e motorista, surge relacionamento



Registro do casamento de Alexandre Rieck e Dais Schubert. Casal se conheceu através de um funcionário da transportadora do cunhado de Alexandre

O caminho até o altar não poderia ser diferente. Na boleia do clássico Scania 113H, a noiva não somente seguiu ao encontro de seu amor, como levou consigo a paixão que sustenta a história do casal: agricultura e caminhão. Foi assim que Dais Daniele Schubert, 29 anos, chegou à igreja, na noite de 14 de fevereiro deste ano, para selar o matrimônio com o caminhoneiro Alexandre Rieck, 37, que ganhou seu coração.

Presidente da Cooperativa Mista de Agricultores Familiares de Vera Cruz (Coopervec) desde 2022, a moradora de Linhas Andréas, em Vera Cruz, fala com entusiasmo sobre as profissões que ela e o marido desenvolvem com dedicação e comprometimento. Enquanto ele cresceu numa família de caminhoneiros, em Vale do Sol, ela caminhou ao lado dos pais na lavoura e também na agroindústria de derivados de cana-de-açúcar.

Hoje os dois desempenham as duas funções, ajudando um ao outro quando preciso. Para tanto, além da habilitação para caminhão, conquistada aos 21 anos, em 2026 Dais realizou outro sonho: a carteira para comandar uma carreta. “Num negócio nós precisamos dominar todos os processos”, diz ela, que também auxilia nos trâmites administrativos da transportadora do marido.

Em meio aos negócios, há uma terceira atividade na qual a dose de amor é ainda maior. Desde o dia 7 de julho, o mês dedicado a celebrar colonos e motoristas, a dupla compartilha uma nova jornada: agora são pais da pequena Amanda Laís Schubert Rieck. Embora recém-nascida, a filha já sente a força

daqueles que a trouxeram para o mundo e que, especialmente, alimentam tantas outras famílias região afora.

Assim, entre a estrada e o campo, os dois dividem o presente e constroem o futuro alicerçados por algumas das principais atividades que movimentam a economia do País. “Hoje, com a chegada da bebê, preciso me desdobrar para atender tudo, mas conto com o meu marido para isso. Quando a gente trabalha com o que se gosta, é gratificante. Amo meu trabalho, seja na lavoura, na agroindústria ou em cima de um caminhão”, confessa.

Em meio aos relatos sobre o dia a dia, Dais acrescenta: “Graças ao nosso trabalho, temos nossas conquistas. Quando se vê o resultado, e as coisas dando certo, independentemente das condições, é sinal de que estamos no caminho certo. Sem falar no apoio da família, que é fundamental”.

Quem vive a estrada faz o progresso acontecer.

A Wiebbelling presta sua homenagem aos motoristas e colonos que, com trabalho, responsabilidade e dedicação, mantêm o Rio Grande do Sul em movimento.

Dia do **Colono e Motorista**

WIEBBELLING
DISTRIBUIDORA DE PEÇAS AUTOMOTIVAS

@pecaslinhapesada
pecaslinhapesada.com.br



Dais, com a pequena Amanda, Alexandre, e os seus pais na agroindústria da família

De pai para filho, a paixão em percorrer as mesmas estradas

Algumas histórias são construídas ao longo dos anos. Outras, atravessam gerações. Para o caminhoneiro Thyago Moura, 20 anos, a paixão pelas estradas começou na infância, acompanhando o pai, Antônio Carlos Moura, 40, nas viagens de caminhão. Hoje ele percorre as mesmas rodovias e vive uma trajetória que guarda especial coincidência: assim como o pai, iniciou a história profissional aos 20 anos na Transportes Barkert.

Natural de Santa Cruz do Sul e morador de Vera Cruz, Thyago cresceu entre caminhões, cargas e viagens. Durante as férias escolares, acompanhava o pai nas estradas e descobria, pouco a pouco, o universo que viria a escolher como profissão. "É uma paixão que vem desde criança e iniciou com meu pai. Quando eu tinha férias da escola, viajava com ele. Fui criando essa paixão por viajar, carregar a carga, amarrar e dobrar lona", lembra.

Aos 16, Thyago deu os primeiros passos profissionais, como jovem aprendiz, longe da estrada. Sem habilitação para dirigir caminhões, começou em outra área. Aos 19, conquistou a carteira de habilitação categoria C e transformou em profissão a paixão que o acompanhava desde menino. Hoje, é motorista da Transportes Barkert e transporta sementes para diferentes regiões do País, percorrendo destinos como Mato Gros-

so, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Tocantins e Brasília. Na estrada, leva também uma história que começou antes de assumir o volante: a do pai, que iniciou na empresa aos 20 anos e, atualmente, segue em atividade com seu próprio caminhão.

A trajetória dos Moura também representa um dos valores que fazem parte da Transportes Barkert: a valorização das pessoas e das novas gerações. Em uma empresa de perfil familiar, que construiu sua história com base na confiança e nas relações de longo prazo, investir em talentos que estão começando a carreira é também uma forma de construir o futuro. Ao oferecer chances de aprendizado, qualificação e crescimento profissional, a Barkert contribui para que jovens como Thyago desenvolvam suas habilidades e encontrem espaço para construir sua própria trajetória. No caso dele, a oportunidade ganhou significado ainda mais especial: seguir pelas mesmas estradas que um dia foram percorridas pelo pai.

Com matriz em Santa Cruz do Sul, a Barkert conta com filiais em Itumbiara (Goiás), Primavera do Leste (Mato Grosso) e Uberlândia (Minas Gerais), além de seis pontos de apoio volantes. Atualmente, são cerca de 60 funcionários e 180 veículos terceirizados, que atuam no transporte de cargas de lotação e a granel em todo o território nacional.

Arquivo Pessoal



Thyago Moura segue as rotas já trilhadas pelo pai, Antônio Carlos

25
de julho
dia do colono
e do motorista

Nesta data especial, nossa homenagem a todos aqueles que produzem e transportam as riquezas deste país com amor, competência e dedicação.

Nosso reconhecimento especial aos motoristas que fazem parte da equipe Barkert, atendendo com agilidade, qualidade e excelência clientes em todo o Brasil.

A todos a nossa gratidão!



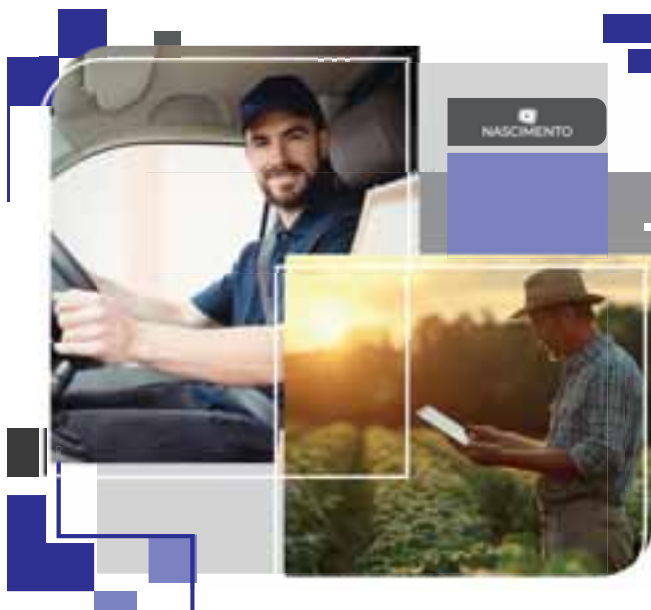
CERTIFICAÇÕES DE GESTÃO DE SEGURANÇA VIÁRIA



@transportesbarkert

www.transportesbarkert.com.br





Quem trabalha e movimenta o desenvolvimento

NUNCA ESTÁ SOZINHO

Do **campo** às **estradas**, colonos e motoristas constroem caminhos, geram oportunidades e fortalecem a economia regional. Ao lado de quem produz e trabalha, a contabilidade oferece segurança, orientação e confiança para seguir em frente.

O Sindicontábil Vale do Rio Pardo felicita todos os colonos e motoristas pela passagem de seu dia.



SINDICONTÁBIL
VALE DO RIO PARDO

Pai e filho colecionam memórias na estrada

Há histórias que se repetem pelo exemplo. É o que se percebe na família Henn, de Santa Cruz do Sul, com duas gerações dedicadas às estradas e ao transporte de cargas Brasil afora. Egon, hoje com 80 anos, iniciou a jornada ao volante ainda na década de 1970 e, mais do que construir a vida com o auxílio do caminhão, inspirou também um de seus filhos, Lucas, de 28, a seguir seus passos – nesse caso, suas rotas.

Recentemente, tão logo Lucas retornou de uma das viagens de trabalho, a família recebeu a equipe da **Gazeta** para dividir suas memórias no transporte de cargas e evidenciar a importância da categoria. Morando em Rio Pardo, Lucas aproveitou a folga na última semana para visitar os pais Egon e Beloni, na companhia da esposa Laura e do filho Matheus, de seis meses. Aposentado há quase três anos, depois de ter rodado 3,5 milhões de quilômetros, Egon diz ter realizado o sonho de ser caminhoneiro que mantinha desde a infância, quando ainda trabalhava na lavoura com os pais, em Estrela, no Vale do Taquari.

Ao concluir todo esse percurso, por mais de quatro décadas, ele conquistou seu lugar “na boleia” sem se envolver em nenhum acidente, embora tenha presenciado e até mesmo evitado muitos sinistros. Também compartilhou mo-

mentos com Lucas, tido como um de seus maiores orgulhos, justamente por herdar sua paixão pelas estradas e dar continuidade ao seu legado.

O gosto pelo caminhão, lembra o filho, também começou quando ainda era criança. “Eu faltava aula para poder viajar. Posso dizer que 99% do que aprendi foi vendo meu pai trabalhar”, afirma, ao lembrar das viagens feitas na companhia do pai. “Viajamos juntos por muitos anos e colecionamos muitas lembranças, mas a principal delas foi quando comprei a minha carreta e nós saímos juntos para trabalhar, cada um com a sua. Aquela primeira viagem ficou marcada para sempre”, lembra, orgulhoso.

Lucas ainda recorda que, mesmo com a rotina intensa de viagens, o pai sempre esteve presente na vida da família. Outro feito de Egon foram as amizades construídas ao longo dos anos. “Uma coisa eu não consegui nesse tempo todo: arrumar um inimigo. Sou amigo de todo mundo e, por muitos anos, fui considerado um líder da categoria”, brincou. Esse sentimento de pertencimento e que vai muito além do volante também é citado por Lucas. “É uma profissão que envolve a gente, que passa a fazer parte da nossa vida. Até no almoço o assunto é caminhão”, observou.



Lucas com o filho Matheus, de seis meses, e o pai Egon, de 80 anos

RELÍQUIA DE FAMÍLIA

O caminhão de Egon Henn, um Scania “jacaré”, de cor laranja, chama a atenção de quem passa em frente à sua casa na Rua Fernando Abott, em Santa Cruz. Ele conta que é o único do tipo que permanece em atividade na região. Para ele e a família, não se trata apenas de um veículo, mas a representação de uma vida inteira dedicada às estradas. Por isso, quando chegar o momento de aposentar de vez a carreta, a intenção da família é transformá-la em uma relíquia, preservando a memória de tantas viagens e histórias nele vividas. E sobre a profissão que escolheram, pai e filho afirmam, sem rodeios, a importância dos motoristas. “O motorista é muito mais importante do que imagina. Por isso, deve ser valorizado”, frisou Lucas. “Se o motorista parar, em uma semana para também o País. Antes disso, já começam a faltar alimentos e tantos outros produtos. Tudo passa pelo caminhão”, completou Egon.

[Com a colaboração de William Thiel/Rádio Gazeta]

Duas profissões essenciais que movem a nossa economia. Um semeia com as mãos calejadas na terra, o outro guia com coragem pelas estradas.

25 de Julho
Dia do Colono e Motorista

FRANTZ
Soluções em peças industriais, agrícolas e automotivas